

Dólar leva indústria e varejo a queda-de-braço

Supermercados e consumidores preferem trocar de marcas a pagar reajustes de preço pedidos pelos fabricantes

Ledice Araujo, Cássia Almeida
e Aginaldo Novo

• RIO e SÃO PAULO. A disparada do dólar mudou o clima de negociações entre varejistas e representantes das indústrias. Os supermercados não estão aceitando os aumentos, que chegam a 20% nos produtos de higiene e limpeza, que têm insumos importados, e vêm procurando fabricantes com tabelas mais baixas. Com a alta de 54% do óleo de soja no atacado desde maio, foram reduzidas as compras das marcas líderes, que hoje custam até R\$ 1,95 — 44% mais caras para o consumidor. As prateleiras agora são abastecidas com marcas de segunda linha, entre R\$ 1,65 e R\$ 1,77.

— Estamos negociando pesado e sendo bastante criteriosos nas compras. Caso o fornecedor apresente uma tabela muito alta, vamos atrás de outro com preço melhor. Enfrentamos um consumidor retraído, que rejeita aumentos e troca de marca — disse ontem Nelson Sendas, vice-presidente do Grupo Sendas, com 85 lojas no Rio.

Varejista: indústria deve ver realidade do mercado

Os produtos à base de trigo e soja, segundo ele, têm subido mais porque sofrem o peso maior da alta do dólar. Já nos artigos de higiene e limpeza, Sendas estima que a alta poderia ficar em torno de 10%, porque a variação cambial ainda é incerta: não se sabe em que patamar o dólar ficará:

— As indústrias não devem fazer as tabelas pensando no dólar de pico, a R\$ 3,60. Os repasses não podem se basear



na especulação e sim na realidade do mercado.

A direção do Pão de Açúcar age de maneira semelhante. Segundo a assessoria de imprensa, a empresa vem analisando minuciosamente as tabelas antes de fechar os contratos, buscando produtos alternativos mais baratos.

— O varejo tem feito uma batalha para não repassar os reajustes especulativos — afirmou um assessor do grupo.

Mais do que frustrados, os consumidores estão revoltados com os reajustes que vêm encontrando nas prateleiras. A saída é procurar marcas mais baratas. No caso do sabão em pó Omo Multição, o preço subiu de R\$ 3,75 para R\$ 4,68, segundo constatou a funcio-

nária pública Celina Novaes. Sem hesitar, ela levou ontem o Minerva, que estava a R\$ 3,85.

— Só levo o essencial e procuro os preços de oferta. Acho que o dólar vem fantasiando e desculpando muitos aumentos. Como podemos pagar esta conta com o salário parado há sete anos?

O levantamento do Instituto Fecomércio confirma que os repasses dos aumentos das indústrias já chegaram aos supermercados do Rio. Pelos dados de janeiro a julho, os maiores reajustes foram do creme dental, 22,62%; sabão em pó, 22,28%; esponja de aço, 17,76%; água sanitária, 15,72%; detergente, 13,17%; e desinfetante, 5,58%. Todos os índices ficaram acima da inflação de



CELINA NOVAES: "Só levo o essencial e procuro os preços de oferta"

4,17% (pelo IPCA, do IBGE). Os fabricantes argumentam que a maioria dos produtos tem 70% dos insumos importados.

Índices já refletem a variação do câmbio

A alta do dólar já afeta os índices de inflação. A segunda prévia do IGP-M ficou em 1,73% e indica que o índice pode ficar acima de 2% este mês. A pesquisa mostra que 12 dos 15 itens que mais pressionaram os preços no atacado tiveram influência direta ou indireta da alta da moeda americana.

O reajuste do preço do trigo, por exemplo, pulou de 1,32% no primeiro decêndio para 15,75%; os adubos e fertilizantes passaram de uma alta de 1,52% para 5,36%. O Índice de

Preços do Atacado (IPA) subiu de 1,30% para 2,42%. No varejo, o repasse ficou concentrado no pão francês, que subiu 5,67% e foi a segunda maior contribuição para alta do Índice de Preços ao Consumidor (IPC), que ficou em 0,71%.

O pão também aparece com destaque na segunda prévia do IPC, medido pela Fipe em São Paulo. O produto, que depende da importação de trigo, respondeu por 0,13 ponto percentual da alta do IPC, que pulou de 0,79% para 0,95%. Na média, o pão subiu 10,73%. Os técnicos da Fipe voltaram a se surpreender com o ritmo de aumento dos preços dos alimentos (1,39%). A segunda prévia levou a Fipe a rever sua previsão para IPC do mês, de 1% para 1,1%. ■

André Teixeira